



O MITO DO SEBASTIANISMO REVISITADO EM JORNADA DE ÁFRICA, DE MANUEL ALEGRE

Leonardo Von Pfeil Rommel*

* lvpfeil@hotmail.com
Mestre em Literatura Comparada pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Doutorando em Estudos de Literatura pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

RESUMO: O presente artigo analisa a reescrita do mito do Sebastianismo no romance *Jornada de África*, primeira publicação em prosa do escritor português Manuel Alegre. Publicada em 1989, a narrativa revisita o passado recente português ligado ao colonialismo na África e atualiza o mito do Sebastianismo, inserindo-o em um novo momento histórico, o conturbado contexto da Guerra Colonial e do final do império português, refletindo, assim, sobre a identidade nacional no período de transição pós-colonial estabelecido após a Revolução dos Cravos em Abril de 1974. *Jornada de África* utiliza-se da reescrita do mito como forma de questionar o presente português, marcado intensamente por um movimento de apagamento do passado traumático ligado à Guerra Colonial e ao colonialismo na África. O discurso literário apresenta-se assim como uma forma de simbolizar, transformar em linguagem, os traumas e rupturas sofridos por toda uma geração de portugueses que viveu sob a opressão da ditadura do Estado Novo.

PALAVRAS-CHAVE: Sebastianismo; mito; História; Guerra Colonial; Manuel Alegre.

RESUMEN: El presente artículo analiza la reescrita del mito del Sebastianismo en el romance *Jornada de África*, primera publicación en prosa del escritor portugués Manuel Alegre. Publicada en 1989, la narrativa revisita el pasado reciente portugués relacionado al colonialismo en África y actualiza el mito del Sebastianismo, incluyéndolo en un nuevo momento histórico, el conturbado contexto de la Guerra Colonial y del final del império portugués, reflexionando, de este modo, sobre la identidad nacional en el período de transición post-colonial establecido tras la Revolución de los Claveles en abril de 1974. *Jornada de África* se utiliza de la reescrita del mito como forma de cuestionar el presente portugués, marcado intensamente por un movimiento de borrado del pasado traumático relacionado a la Guerra Colonial y al colonialismo en África. El discurso literario se presenta así como una forma de simbolizar, transformar en lenguaje traumas y rupturas sufridos por toda una generación de portugueses que ha vivido bajo la opresión de la dictadura del Estado Nuevo.

PALABRAS-CLAVE: Sebastianismo; mito; Historia; Guerra Colonial; Manuel Alegre.

Jornada de África (1989) assinala a estreia de Manuel Alegre no gênero romance, tendo-se em vista que até a data o autor apresentava sua trajetória literária muito marcada pela poesia, principalmente devido à publicação de *Praça da Canção* (1965) e *O Canto e as Armas* (1967), obras censuradas pelo regime salazarista e que circularam na clandestinidade, em cópias manuscritas e datilografadas, pois atacavam a opressão do regime do Estado Novo e denunciavam a violência e a inutilidade da Guerra Colonial, que visava manter o colonialismo português e evitar a independência dos territórios ultramarinos.

A poesia de Manuel Alegre nestas duas publicações é, pois, marcada por um forte tom de contestação do regime ditatorial, nela se apontando também o passado nacional das navegações, conquistas e descobrimentos, ou o modelo da identidade portuguesa, e objeto de apreciação ideológica do regime, como um símbolo de atraso e de opressão do povo português, que se via marginalizado em nome dos ideais da construção e manutenção da ideia de império. A produção literária de Manuel Alegre surge assim como um grito de basta, a palavra apresenta-se como arma de contestação, como única forma de quebrar com o monólogo interminável que a censura e o regime estabeleciam com o passado imperialista idealizado.

Em entrevista concedida em 1983 a Clara Alves, Manuel Alegre antecipa a publicação de seu primeiro romance e comenta o fato de que a narrativa terá ligações fortes com

a História e será composta por uma grande carga autobiográfica, uma vez que o autor, no início dos anos 1960, assim como o protagonista Sebastião, também estudava em Coimbra e também foi mobilizado para a guerra em Angola. Por ser um dissidente e discordar do regime salazarista, é preso e posteriormente parte para o exílio na França e na Argélia, retornando a Portugal somente após a Revolução dos Cravos em Abril de 1974. A trajetória de vida de Manuel Alegre reflete-se diretamente na jornada antiépica do jovem Sebastião, que, no decorrer do romance, atua como uma espécie de *alter ego* do escritor.

No fundo, é um romance que mistura o real e o fantástico e, como boa parte da minha poesia, com uma ligação à História e também com uma grande carga autobiográfica. É um romance sobre a guerra, a jornada de África, a batalha de Alcácer Quibir... mas é mais do que isso. O título é *Jornada de África*.¹

Em *Jornada de África (Romance de Amor e Morte do Alferes Sebastião)*, acompanha-se a partida do jovem estudante de Coimbra para Angola, a fim de combater na Guerra Colonial, recém eclodida devido aos movimentos de independência das colônias portuguesas na África. Opositor do regime, Sebastião não descarta a participação na guerra, pois entende que esta seria uma forma de conhecer e combater o sistema ditatorial, responsável por forçar toda uma geração

1. ALVES. Sou um escritor com biografia a mais, p. 3-5.

de jovens a abandonarem suas vidas e sonhos em troca da defesa dos ideais do colonialismo na África.

O diálogo do romance de Manuel Alegre com o mito do Sebastianismo estabelece-se, então, desde o início, quer pelo título da obra quer pelo nome de seu protagonista. *Jornada de África* remete à crônica escrita por Jerónimo de Mendonça em 1607, onde se narra o fatídico episódio que originou um dos maiores mitos da cultura portuguesa: o misterioso desaparecimento do rei D. Sebastião na Batalha de Alcácer-Quibir, em Marrocos, no ano de 1578. O episódio fica marcado como um profundo trauma na existência coletiva portuguesa, pois a partir desta derrota e do desaparecimento do monarca, Portugal é anexado ao reino da Espanha por Filipe II, a quem cabia a linha de sucessão.

O empreendimento de D. Sebastião visava sacramentar o natural desenvolvimento de expansão nacional, iniciado no século XV com as primeiras navegações no Oriente, a descoberta do Caminho das Índias por Vasco da Gama e o descobrimento do Brasil por Pedro Álvares Cabral. A presença portuguesa no norte da África seria responsável por abrir novas rotas de comércio, possibilitando um maior domínio do país sobre o oceano Atlântico e dando corpo à intenção nacional de apoderar-se de novos territórios, levando a cabo, também, o objetivo de expansão da fé ao redor do mundo.

A expedição do rei D. Sebastião a Marrocos constituía a defesa das teses políticas que viam na expansão africana o natural desenvolvimento da expansão portuguesa, o que, ao mesmo tempo que satisfazia um desejo de expansão que apelava a um ideário religioso antigo de conquista de terras aos mouros, solidificava o Portugal moderno e imperial, dando-lhe um maior controlo do Atlântico e uma maior afirmação na casa europeia. Aparentemente mais viável, esta operação era, simultaneamente, a maior prova de fidelidade do povo português a Deus e da grandeza de Portugal. Após D; Manuel ter fundado o império do Oriente e D. João III ter consolidado o império do Brasil, D. Sebastião seria o rei fundador do império africano, abrindo assim as portas do império universal.²

As consequências da batalha apresentaram-se, no entanto, como fatídicas para Portugal, pois uma jornada que inicialmente visava ampliar os domínios portugueses na costa norte da África, com o ganho de territórios frente aos mouros, acabou tornando-se uma derrota histórica, tendo as tropas lusas sido dizimadas em pouco tempo. Portugal, até então um país essencialmente imperialista, possuidor de colônias ao redor do mundo e regido pela memória das Grandes Navegações, vê-se marginalizado durante um período de 60 anos, tendo de se submeter à sua vizinha e também eterna adversária, a Espanha.

2. RIBEIRO. *Uma história de regressos: império, Guerra Colonial e pós-colonialismo*, p. 40-41.

O mito do Sebastianismo ganha corpo na crença da população portuguesa em um improvável e messiânico regresso de D. Sebastião, o que faria com que o país retomasse imediatamente sua independência e reiniciasse seu ciclo de conquistas, do qual o monarca era um grande incentivador. No decurso da História, o Sebastianismo converteu-se em um marco da cultura portuguesa, sendo representado das mais variadas formas na literatura, estando presente desde os sermões de Padre António Vieira, passando pelo misticismo da poesia de Fernando Pessoa, aportar, entre outros, neste romance de Manuel Alegre, quando o império português se encontrava já desfeito.

Segundo Margarida Calafate Ribeiro (2004), a escolha de Manuel Alegre da revisitação do mito do Sebastianismo caracteriza-se como uma tentativa de representação do tempo ambíguo vivido por Portugal e pelos portugueses durante o período do salazarismo e, principalmente, durante a Guerra Colonial, um combate responsável por exercer um movimento de tensão na identidade nacional, uma vez que se partia de uma lógica controversa, pois Portugal lutava contra si próprio, contra seus territórios, a fim de evitar que o corpo político da nação se desmembrasse.

No memorial do combatente que é Jornada de África, a revisitação do espaço mítico de Alcácer-Quibir, já presente nos poemas de Praça da Canção e de O Canto e as Armas, alar-

ga-se ao duplo sentido que o mito encerra, ou seja, por um lado, fecha-se nos terrenos da guerra como espaço-símbolo de perdição pátria sem remédio e, por outro lado, abre-se como o lugar arquetipo de um renascimento pelo regresso do rei, elegendo-se assim esta alegoria como a representação do tempo ambíguo vivido em Luanda e em Lisboa, nos anos da Guerra Colonial.³

Como aponta Eduardo Lourenço em artigo publicado em 1984, no periódico *Diário de Notícias*, existia em Portugal, na metade da década de 1980, uma espécie de “insólita ocultação” da última fase do império português. Lourenço mostra-se surpreendido com o fato de que mesmo uma década após a Revolução dos Cravos, em 1974, serem ainda raras as propostas discursivas que buscavam abordar o passado recente nacional, como o colonialismo na África e os longos 13 anos de combates da Guerra Colonial, tendo-se em vista que, após a queda do salazarismo, o país mergulhou em uma espécie de sonambulismo, que visava apagar o passado traumático da História nacional.

À problematização voluntária do antigo regime sucedeu uma espécie de insólita ocultação acerca dos avatares da última fase da nossa velha – pensar-se-ia capital – aventura colonial. Nem documentários, nem filmes, nem “livros brancos” sobre a nossa história recente em África contribuíram com qualquer ex-

3. RIBEIRO. *Uma história de regressos: império, Guerra Colonial e pós-colonialismo*, p. 338.

plicação ou simples informação sobre o que, para já, conduziu em casa europeia à liquidação de um regime antidemocrático e, fora dela, ao fim de um império.⁴

Em *Psicanálise mítica do destino português*, ensaio publicado também por Eduardo Lourenço em 1978 (e presente em sua obra *O labirinto da saudade*, 2013), apenas quatro anos após a Revolução dos Cravos, o autor salienta que a “amputação forçada dos territórios ultramarinos”⁵ sofrida por Portugal foi vivida pela cultura e pelo imaginário nacional de maneira extremamente singular, sem nenhum tipo de problematização do passado traumático que originou a dissolução do império nacional na África. Como aponta Lourenço (2013), tudo se deu através da simples substituição de uma imagem imperial, opressiva e colonialista, defendida pelo Estado Novo, pela imagem de um país redemocratizado em busca de integração na Europa.

Quinhentos anos de existência imperial, mesmo com o desmazelo metropolitano ou o abuso colonialista que era inerente ao privilégio de colonizadores, tinham fatalmente de contaminar e mesmo de transformar radicalmente a imagem dos Portugueses não só no espelho do mundo mas no nosso próprio espelho. Pelo império devimos outros, mas de tão singular maneira que na hora em que fomos amputados à força (mas nós vivemos a amputação como “voluntária”) dessa compo-

nente imperial da nossa imagem, tudo pareceu passar-se como se jamais tivéssemos tido essa famigerada existência “imperial” e em nada nos afectasse o regresso aos estreitos e morenos muros da “pequena casa lusitana”.⁶

O romance de Manuel Alegre, através da revisitação da História recente e da resignificação do mito do Sebastianismo, almeja oferecer, por meio da literatura, uma possibilidade de representação da última fase do império português, fase esta marcada pela obscura presença da Guerra Colonial. A literatura desempenha, portanto, um papel fulcral no Portugal pós-colonial, pois revisita o passado de forma crítica, evitando que os acontecimentos traumáticos caiam no esquecimento sem a sua devida problematização. O discurso ficcional assume-se, após 1974, como uma alternativa de simbolização e de criação de uma memória coletiva sobre as experiências decisivas para a identidade nacional portuguesa ocorridas no período que antecedeu e sobrepôs a Revolução dos Cravos.

O romance assemelha-se muitas vezes a uma espécie de mosaico composto por diversas vivências que se relacionam direta e indiretamente com a Guerra Colonial. No decorrer da narrativa, são apresentadas diferentes vozes que protagonizaram este período histórico, como Agostinho Neto e outros tantos personagens anônimos, como o protagonista

4. LOURENÇO. *Da ficção do Império ao império da ficção*, p. 26-27.

5. LOURENÇO. *O labirinto da saudade*, p. 43.

6. LOURENÇO. *O labirinto da saudade*, p. 43.

Sebastião, o guerrilheiro angolano Domingos da Luta, a jovem nacionalista Bárbara, ou Lázaro Asdrúbal, inspetor da PIDE que cumpre as ordens do Estado Novo de Salazar. Através desta mistura de personagens e perspectivas, costurando os olhares e as experiências de múltiplas vozes anônimas sobre a guerra e sobre a opressão do salazarismo, Manuel Alegre oferece diversas formas de interpretação da História, assim refazendo a *Jornada de África*.

O romance inicia-se com a viagem do inspetor da PIDE, Lázaro Asdrúbal, em dezembro de 1960, de Angola até Portugal, a fim de reportar ao Chefe, Salazar, os recentes movimentos de descolonização iniciados no país. Lázaro ouve de seu superior que é preciso deixar que os movimentos se sucedam para que dessa forma Portugal consiga apoio popular e possa assim justificar a necessidade de uma ação militar, que seria teoricamente responsável por extirpar as ações dos terroristas e garantir a paz e a soberania nacional. Segundo as palavras do Chefe: “Deixe andar, é um sacrifício necessário, só assim poderemos contar com o apoio do país e do Ocidente”.⁷

Os movimentos que buscavam o início de um processo de diálogo dos africanos com os colonizadores portugueses foram severamente reprimidos pelas autoridades portuguesas, que limitavam qualquer forma de expressão política nos territórios ultramarinos. Em Angola, as primeiras

manifestações geraram a prisão de alguns dos principais líderes dos movimentos independentistas africanos, como Agostinho Neto e o reverendo Padre Joaquim Pinto de Andrade, e a execução de vários presos políticos.

Enquanto isso, sem desconfiar da trágica jornada que o destino lhe reservava para muito breve, o jovem Sebastião estuda em Coimbra e segue ativo na sua participação em movimentos de denúncia e resistência contra a ditadura do Estado Novo. O clima de opressão do salazarismo é sentido nas ruas, nos rostos e nos gestos das pessoas; Portugal é um país onde “Até o amor é clandestino, não há espaço, não há sítio, veja-se os namorados que se amam de pé, debaixo de um guarda-chuva, num recanto escondido da Sereia”⁸. O clima de guerra começa lentamente a invadir o país e a se inserir na vida das pessoas e dos jovens, que começam a partir em uma injusta jornada de defesa dos ideais do império. “De certo modo há uma tristeza, uma tristeza forte e nova [...]. Algo está a mudar, algo se anuncia”.⁹

A jornada africana de Sebastião inicia-se em 19 de Junho de 1962, quando embarca para Angola, um dos principais teatros da Guerra Colonial, onde irá prestar serviço ao exército português em uma missão extremamente contrária aos seus ideais: participar de uma guerra antagônica por excelência, onde ele iria perder a sua liberdade em nome do seu país a fim de evitar a liberdade do povo africano. É neste

7. ALEGRE. *Jornada de África*, p. 11.

8. ALEGRE. *Jornada de África*, p. 20.

9. ALEGRE. *Jornada de África*, p. 23.

momento da partida que o mito do Sebastianismo começa a renascer e que o jovem Sebastião percebe que seu destino parece traçado de acordo com os passos de seu homônimo famoso, desaparecido em 1578, quando cumpria jornada similar à sua.

Cabeça levantada, peito para fora, braço esticado à altura do ombro, hop dois, esquerdo direito. Com tambores era mais fácil. São duas da tarde do dia 19 de Junho de 1962. Dentro de quatro dias (23 de Junho de 1415), terão passado quinhentos e quarenta e sete anos sobre a partida para Ceuta. Talvez Sebastião tenha sido condenado a partir nessa data. [...] Ele sabe que vai para o raio que o parta, sem povo nem festa nas encostas. Só as cigarras, um calor de rachar e um avião à espera com destino a Luanda. Há quase trezentos e oitenta e quatro anos (era no dia seguinte ao de S. João, diz a Relação da Jornada), um outro Sebastião partiu de Oeiras e com ele oitocentas velas. Está visto, Junho é o mês do embarque, pode ser o da glória ou o do desastre.¹⁰

Seguindo o caminho de seus ancestrais navegadores, o agora “Alferes Sebastião” embarca em uma jornada desconhecida, que o conduzirá a experiências novas, permeadas pelo sofrimento da guerra e pela injustiça do colonialismo português na África. Os portugueses, acostumados a viagens de conquistas e descobrimentos, desta vez embarcam em

uma missão de preservação dos seus territórios e da honra da nação, isto é, do seu império, como pregava a ideologia fascista do Estado Novo, que tentava manter as posses africanas a todo o custo. Sebastião pressente o clima de desastre que espreita a empreitada e, numa interessante relação intertextual com a estrofe 97 de *Os Lusíadas*, pensa: “A que novos desastres, ai que gaita, a que novos desastres determinas de levar este reino e estas gentes”.¹¹

Assim como o Velho do Restelo no Canto IV¹² de *Os Lusíadas*, a voz de Sebastião levanta-se como uma forma de questionamento dos objetivos dessa nova empreitada do povo português, que desta vez se lança para a África a fim de manter as suas conquistas e a sua História. Manuel Alegre, através desta intertextualidade com a principal obra da literatura e da identidade nacional portuguesa, traz para o presente a voz da sensatez e da recriminação sobre a cobiça histórica de Portugal sobre o domínio de terras e povos ao redor do mundo.

Como salienta Roberto Vecchi (2010), nos combates da Guerra Colonial não estavam em jogo somente os espaços e territórios que compunham o império português, mas, principalmente, nos campos de batalha disputavam-se os 500 anos de História e de identidade de Portugal. O regime salazarista entendia que uma possível perda das colônias africanas seria um trauma na memória nacional, ligada às

10. ALEGRE. *Jornada de África*, p. 25-26.

11. ALEGRE. *Jornada de África*, p. 26.

12. No Canto IV de *Os Lusíadas* o Velho do Restelo apresenta-se como uma voz que se opõe à cobiça que acompanha as navegações portuguesas. Suas falas aparecem com o intuito de alerta e de recriminar a sede de aventura dos portugueses.

conquistas do passado, às navegações e aos descobrimentos, e, por isso, a mobilização do país em relação à tentativa de controle dos movimentos revolucionários foi extremamente pesada, tendo o Governo arregimentado e concentrado uma grande parte das forças nacionais nos combates em Moçambique, Guiné-Bissau e Angola.

[...] em jogo estava algo de mais complexo do que a defesa do espaço colonial: como declamava a retórica do antigo regime salazarista, em jogo estavam cinco séculos de História de Portugal, cinco séculos de colonização ou, como ficou depois da maquilhagem retórica da revisão constitucional de 1951, cinco séculos de relações entre povos e culturas diferentes.¹³

A Guerra Colonial em *Jornada de África* apresenta-se como o ponto de ruptura final da relação existente entre Portugal e a secular noção de império. Os combates no continente africano assinalam um período de mudanças irreversíveis para a identidade nacional portuguesa, pois a partir daí o vínculo entre o país e a sua História de navegações e conquistas seria definitivamente rompido, precisando de ser repensado a partir de uma nova posição, em que, subitamente, Portugal não mais ocupava a *pseudo* centralidade que suas posses territoriais sempre lhe forneceram.

Em *Jornada de África*, a Guerra Colonial assume a representação de um movimento antiépico do império português, como uma epopeia ao avesso, uma jornada condenada à perdição e à desintegração da memória e da identidade nacionais, tal como sucedeu com a viagem de D. Sebastião em 1578. Na visão de Norberto do Vale Cardoso (2004), “Manuel Alegre insere esta guerra na linha de Quibir, para nos dar a ideia de que estamos a viver a mesma História, a mesma tragédia”,¹⁴ ou seja, que o destino do império português caminhava invariavelmente para seu final.

A respeito da Guerra Colonial, em entrevista concedida a José Freire Antunes, o próprio Manuel Alegre comenta que ela estava destinada a ser um novo Alcácer-Quibir na História do país. A guerra, segundo o autor, representou diversas rupturas, não somente no plano político, nas relações entre Portugal e as colônias africanas, mas também rupturas graves na sociedade, tendo-se em vista o grande número de jovens que tiveram suas vidas e sonhos interrompidos devido à mobilização para o exército nacional.

O que aquela guerra significava era a ideia de que se ia cortar a ponte entre Portugal e África. Seria um novo Alcácer-Quibir, iria conduzir a um desastre, não teria solução política. Portanto, seria algo semelhante ao que aconteceu à França na Indochina e na Argélia. Era uma geração que se ia perder ali. Iam-se cortar os laços entre Portugal e África e os laços que podiam

13. VECCHI. *Excepção atlântica: pensar a literatura da Guerra Colonial*, p. 96.

14. CARDOSO. *Autognose e (des) memória: Guerra Colonial e identidade nacional* em Lobo Antunes, Assis Pacheco e Manuel Alegre, p. 92.

permanecer eram os que ligavam aqueles que lutavam contra o regime aqui e os que lutavam em África pela independência. A ideia que havia era que a guerra era uma guerra perdida, sem solução, uma guerra onde nós próprios nos perderíamos: as nossas vidas, tínhamos 20 anos, estávamos nos nossos cursos, tínhamos as nossas namoradas, as nossas famílias, a nossa vida e, portanto, a guerra era uma interrupção brutal.¹⁵

Sebastião, ainda em Portugal, já presente as consequências dessa ingrata cruzada dos portugueses contra a liberdade do povo africano. A guerra assume-se como uma jornada de desconstrução e reinício da História portuguesa, responsável por marcar a vida de todos os envolvidos, tanto os que lutavam contra a opressão da ditadura na metrópole e foram mobilizados para os campos de batalha, como aqueles que combatiam no continente africano em busca da liberdade de seus países, oprimidos há séculos pelo colonialismo europeu. Em uma reunião de dissidentes do regime, Sebastião deixa claro sua posição de participar na guerra, ao invés de optar pela deserção, ao afirmar que “Estamos contra esta guerra, mas apesar de tudo ela é também a nossa guerra, toda nossa geração vai ser marcada por ela, eu quero ir, ver como é, estarei contra mas dentro”.¹⁶

O jovem Sebastião, desembarca, portanto, em Angola, a fim de defender os territórios nacionais na África e a memória de cinco séculos do império português, mas ele carrega

consigo um sentimento de ambiguidade, pois não se identifica com a ideologia fascista do Estado Novo e exerce um papel de crítico do regime e dos seus métodos. A chegada em Luanda representa uma virada em sua vida, na medida em que, a partir daí, ele tem de exercer um papel contrário às suas vontades e pensamentos, atuando como uma espécie de anti-herói que, assim como toda uma geração de jovens portugueses enviados para a Guerra Colonial, encontra-se entre a posição de vítima do sistema ditatorial e de defensor da causa imperialista nacional, ou seja, estando contra, mas estando dentro.

A ambiguidade na jornada de Sebastião apresenta-se também pelo fato de, durante sua estadia em Luanda, antes de ser removido para o norte de Angola onde os combates eram travados com maior intensidade, apaixonar-se por Bárbara, uma africana, uma legítima “filha do império”. A relação que nasce entre os dois, uma relação de certa forma inesperada e impossível, entre um soldado português e uma jovem militante da libertação africana, representa o caráter contraditório da guerra, onde as pessoas eram obrigadas a viver em lados opostos, sendo até os seus sentimentos coibidos e cerceados pela violência e pela opressão.

Como aponta Cardoso (2004), *Jornada de África* reflete o drama de uma geração de portugueses que foi condenada a desaparecer, pois os ex-combatentes, ao regressarem

15. ANTUNES. *A guerra de África*, p. 685-692.

16. ALEGRE. *Jornada de África*, p. 218.

a Portugal, não são mais aceitos pela população em geral, por serem os representantes de um tempo ambíguo, por sua presença e imagem remeter ao passado opressivo da ditadura salazarista. O romance atua assim como uma forma de denúncia, como uma forma de representação dos sujeitos que foram vitimados pela guerra. Através da narrativa ficcional, Manuel Alegre narra a fatídica jornada dos que foram obrigados a defender uma causa perdida, colocando-os lado a lado com um dos maiores mitos da cultura portuguesa, igualando o gesto de D. Sebastião à inglória tarefa dos portugueses na Guerra Colonial.

O agente da Pide, Lázaro Asdrúbal, responsável por vigiar os passos de Sebastião e investigar seu comportamento contrário ao regime após sua chegada em Angola, ao observar o intenso movimento de partida e chegada de soldados no cais do porto de Luanda, reflete que os combatentes carregam consigo a verdade, pois são portadores da experiência destruidora da guerra, experiência esta que nenhuma censura será capaz de apagar e proibir que se espalhe por todo Portugal.

Sentado numa esplanada da Marginal, Lázaro Asdrúbal olha, melancólico, o movimento de embarque e desembarque. Há uma espécie de arco à entrada da alfândega. Sob ele passam os camiões carregados de tropas, a rir, os que se vão, sorum-

báticos, os que chegam. Lázaro Asdrúbal pensa, também ele nos centuriões. Cada um daqueles soldados é um cronista que nenhuma censura poderá cortar. O Niassa vai partir carregado de notícias. Até os caixões embarcados às escondidas. Cada um deles é também uma notícia.¹⁷

Como também aponta Sebastião, os combatentes assumem o papel de cronistas, daqueles que foram os responsáveis por tomar nota, no próprio corpo através da própria vida, dos acontecimentos responsáveis por conduzir o império português ao seu final após cinco séculos. Para Sebastião, a Guerra Colonial, a nova jornada africana, será a crônica que se perderá no tempo, que não terá representação possível a não ser unicamente através dos traumas e dores que os combatentes carregam consigo. Segundo ele, “Em cada soldado há um mensageiro e um cronista. Quem saberá dar a relação desta jornada de África? Ela é a crônica que ninguém escreverá”.¹⁸

É com a mobilização do alferes Sebastião para o norte de Angola que as duas jornadas (a do monarca e a do soldado anônimo) começam a cruzar-se de forma decisiva. O novo Sebastião, representante contemporâneo de um tempo de transição do império nacional, encontrará o desenrolar de seu fatídico destino. Na partida para a guerra, em carta endereçada à sua amante africana, Bárbara, Sebastião antecipa

17. ALEGRE. *Jornada de África*, p. 212.

18. ALEGRE. *Jornada de África*, p. 47.

19. ALEGRE. *Jornada de África*, p. 186.

a trágica jornada que, em nome de Portugal, irá trilhar, definindo de forma melancólica sua partida: “Não há aqui epopeia para dizer. Somos os lusíadas do avesso, ninguém nos cantará.”¹⁹

Em confidência ao seu *alter ego*, o Poeta, que o acompanha durante toda a viagem de Portugal até África, Sebastião pressente que a guerra condenará seu país e sua geração a uma mudança radical, uma espécie de desaparecimento, de reinício. O jovem alferes pressente que a guerra está apodrecendo Portugal, levando-o a um novo patamar, de onde talvez jamais consiga voltar, ou talvez volte, assim como muitos ex-combatentes, desfeito e despojado de seus sonhos, de seu passado e de sua História. Em resumo, a guerra será transformadora e suas consequências serão irreversíveis.

- A morte aqui é sem cabeça, sem nome, sem tempo, às vezes nem sequer de acender um cigarro. E há algo mais que está a morrer aqui, não sei explicar-te, por vezes sinto isso quase fisicamente, como se fosse o tempo a apodrecer, a História, um país.

- Um país? – Pergunta o Poeta de olhos arregalados.

- Portugal fez-se para fora, não sei se conseguirá superar, ou melhor, não sei se voltará, se é que se pode voltar de uma viagem assim.²⁰

20. ALEGRE. *Jornada de África*, p. 228.

Antes da partida definitiva para o campo de batalha em Nambuanguo, Sebastião deixa uma carta com seu amigo Poeta; nela encontra-se uma espécie de epitáfio do império, uma espécie de previsão do trágico final que se aproximava e que levaria ao fim a vida do jovem alferes, destinado desde a partida de Lisboa a cumprir novamente com a sina do mito e com o destino do seu povo. Segundo Sebastião, esta *Jornada de África* contemporânea estava destinada a fechar um ciclo, marcar o fim dos quinhentos anos do império português.

Talvez o Quinto Império seja afinal o fim de todos os impérios. O Grande Império do Avesso, o Anti-Império. E talvez seja esse o único sentido possível desta guerra: fechar o ciclo. Talvez tenhamos de nos perder aqui para chegar finalmente ao porto por achar: dentro de nós. Talvez tenhamos de não ser para podermos voltar a ser.

Há outro Portugal, não este. E sinto que tinha de passar por aqui para o encontrar. Não sei se fim ou princípio. Sei que sou desse país: um país que já foi, um país que ainda não é.²¹

Como aponta o personagem, o sonho de Quinto Império, um império universal, narrado e idealizado nos *Sermões* do Padre António Vieira, na verdade se converte em uma perdição nos campos de batalha no interior da África. Os sonhos de expansão e regeneração que ganhavam corpo na figura de D. Sebastião viram-se do avesso, Portugal transforma-se no

21. ALEGRE. *Jornada de África*, p. 231.

Grande Império do Avesso, o Anti-Império. A Guerra Colonial surge, no horizonte português, como o anúncio de uma morte coletiva e de uma ideologia. A guerra assemelha-se assim à derrota de Quibir, um novo desastre sobre o antigo desastre.

A narrativa fecha-se no momento em que as tropas portuguesas são encurraladas pelos guerrilheiros africanos. Sem possibilidade de partir em retirada, Sebastião, que sempre assume uma atitude voluntariosa diante das adversidades dos combates, parte para o ataque, um ataque já sem esperanças, pois a tropa portuguesa já se encontrava praticamente desfeita e surpreendida pela emboscada do inimigo angolano. Num gesto abrupto, o alferes Sebastião separa-se do grupo e parte para o interior da mata a fim de dar combate direto ao inimigo, visivelmente em vantagem. Neste momento passado e presente se cruzam, pois, assim como D. Sebastião, o jovem alferes parte para nunca mais voltar.

Eis que chega um estafeta, o Alferes quer os homens de novo reagrupados, todos ao assalto do morro.

(Quem levantará agora a bandeira, abracemo-nos, camaradas, os nossos nomes estão marcados, quantos Silvas e Costas e Andrades e Pereiras de Alcácer estarão aqui, quantos Maneis e Antónios, as crônicas falam dos fidalgos, dos outros quem falará, Josés de Alcácer e Nambuanguo, nomes de muitos nomes feitos, abracemo-nos, camaradas.)

Não é fácil juntar de novo os homens, a demora pode ser fatal, Sebastião também o sabe:

- Vou esperar cinco minutos.

Mais eis que são passados e nem o sacana do Sargento nem o filho da mãe do Furriel.

- Temos de atacar – diz o Alferes [...] E dá sinal.

- Meu Alferes – grita o Furriel.

Onde é que ele já vai. [...]

- O nosso Alferes – pergunta o Furriel desorientado.

Entrou sozinho pelo mato dentro, sabe-se lá em direção a quê.

- O nosso Alferes – repete o Furriel.

E já não o vê. Nunca mais o verá.²²

No momento final da batalha, a crônica do passado mistura-se com a crônica do presente, a crônica da guerra, que inclui Domingos da Luta, o guerrilheiro angolano; o jovem alferes Sebastião; a africana Bárbara e tantos outros vitimados pelos conflitos e pela opressão do colonialismo português, que perderam suas vidas e foram marcados por esta última *Jornada de África* do império português. O desaparecimento de Sebastião repete o passado, assinalando que a Guerra Colonial foi uma nova derrota, uma derrota responsável por alterar o destino do império e da História nacional.

22. ALEGRE. *Jornada de África*, p. 241-242.

23. RIBEIRO. *Uma história de regressos: império, Guerra Colonial e pós-colonialismo*, p. 342.

24. RIBEIRO. *Uma história de regressos: império, Guerra Colonial e pós-colonialismo*, p. 342.

Como aponta Ribeiro (2004), através da polifonia e da variedade de perspectivas sobre a Guerra Colonial representadas na narrativa de *Jornada de África*, Manuel Alegre constrói uma espécie de “crônica moderna”²³, responsável por denunciar a fragmentação coletiva sofrida por Portugal devido à incontornável experiência da guerra e da opressão do salazarismo. Ainda segundo a autora, a revisitação do mito do Sebastianismo em um presente pós-colonial confere à narrativa de *Jornada de África* “uma experiência plural de revisitação da história e da literatura”²⁴, proporcionando assim, uma possibilidade de questionamento da identidade nacional no período de transição pós-colonial.

Através da reescrita do mito do Sebastianismo, Manuel Alegre reinterpreta a História contemporânea de Portugal, marcada pelo salazarismo, pela Guerra Colonial e pelo processo de desconstrução do império nacional após a Revolução dos Cravos em Abril de 1974. A narrativa de *Jornada de África* apresenta-se como a crônica do presente, a crônica de uma geração de portugueses que, assim como o alferes Sebastião, foi obrigada a desaparecer a fim de cumprir os objetivos de seu país.

A literatura portuguesa que tematiza a Guerra Colonial, surgida principalmente após a Revolução de 1974, almeja muitas vezes, através da mobilização do testemunho e da experiência individual, reconstruir o passado de maneira

crítica, evitando, assim, que a História recente do país caia no esquecimento. Através de sua experiência enquanto soldado opositor ao regime, Manuel Alegre subverte a narrativa histórica em *Jornada de África*, transpondo a derrota de D. Sebastião em Alcácer-Quibir para a contemporaneidade marcada pela desagregação do império português, refletindo assim sobre a valorização da memória nacional.

Jornada de África à reescrita do mito como forma de questionar o presente português, marcado intensamente por um movimento de apagamento do passado traumático ligado à Guerra Colonial e ao colonialismo na África. O discurso literário surge assim como uma forma de simbolizar, transformar em linguagem, os traumas e rupturas sofridos por toda uma geração de portugueses que viveu sob a opressão da ditadura do Estado Novo. A ficção, no Portugal pós-Abril de 1974, assume-se como uma importante estratégia de análise da identidade nacional portuguesa, ao questionar, reinventar e, de certa forma, reescrever a História interdita e os mitos do império português.

REFERÊNCIAS

ALEGRE, Manuel. **Jornada de África**. (Romance de amor e morte do alferes Sebastião). Lisboa: Publicações Dom Quixote; Círculo de Leitores, 1989.

ALVES, Clara Ferreira. Sou um escritor com biografia a mais. Entrevista a Manuel Alegre. **Jornal de Letras**, 21 jun.-4 jul. 1983, p. 16-17.

ANTUNES, José Freire. Manuel Alegre. A arma do canto. 2. ed. In: **A Guerra de África**. Lisboa: Círculo de Leitores, 1995. p. 685-692.

CAMÕES, Luís Vaz de. **Os Lusíadas**. Organização, apresentação e notas de Jane Tutikian. Porto Alegre: L&PM, 2013.

CARDOSO, Norberto do Vale. **Autognose e (des)memória: Guerra Colonial e identidade nacional em Lobo Antunes, Assis Pacheco e Manuel Alegre**. 2004. 186 f. Dissertação (Mestrado em Teoria da Literatura e Literatura Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade do Minho, Braga, 2004.

LOURENÇO, Eduardo. Da ficção do Império ao império da ficção. **Diário de Notícias – Suplemento 10 anos de Democracia**, Lisboa, 24 abr. 1984, p. 26-27.

LOURENÇO, Eduardo. **O labirinto da saudade**. Lisboa: Dom Quixote, 2013.

RIBEIRO, Margarida Calafate. **Uma história de regressos: império, Guerra Colonial e pós-colonialismo**. Porto: Edições Afrontamento, 2004.

VECCHI, Roberto. **Exceção atlântica: pensar a literatura da Guerra Colonial**. Porto: Edições Afrontamento, 2010.